

## PROJETO “FUXICANDO PARA O BEM: CONVERSÇÕES SOBRE CONVERSÇÕES NUM ESPAÇO COMUNITÁRIO – A COMUNIDADE COMO PARCEIRA”

FAMÍLIA E COMUNIDADE  
EM FOCO

O interesse pelo agrupamento de pessoas com um objetivo comum, ou de pessoas que se encontram para o fortalecimento de uma cultura local em prol de um destino comum é praticado em vários países. Na Rússia, esse termo é conhecido como *Sobornost*; na Índia, *Samaj* e, no Brasil, Comunidade de Destino – termo cunhado pelo psicanalista Gilberto Safra (2004).

Partindo da consideração de que o ser humano nasce pertencendo a um grupo familiar, cultural e social e busca, ao longo de sua existência, a unidade que o familiariza no contexto e o sincroniza aos biorritmos em interdependência coletiva, o corpo individual – condição inerente ao ser humano – busca fazer parte de um corpo coletivo. Desenvolve-se, apoiando-se em reconhecimento de sua existência, e se expande ao encontrar no outro um olhar que o confirme ao mesmo tempo em que se deixa ser influenciado por outras realidades, seja numa comunidade de mestres e educadores ou mestres e educandos; seja na relação pais e filhos; seja entre membros de uma mesma comunidade social.

Segundo o viés do construcionismo social, o indivíduo, ao receber as influências e ao influenciar o meio, passa, também, a construir o contexto. Estar em *Sobornost*, *Samaj* ou em comunidades de destinos nos proporciona a sensação de acolhimento mútuo, como um abraço conjunto que dá firmeza e sustentação.

Inspirada nessas ideias, nasceu a proposta de construir no bairro Jardim Maria Lúcia, em São José do Rio Preto – SP, uma “comunidade de destino” com objetivos específicos para esse bairro.

Esse projeto surgiu em função do interesse em dar continuidade a um trabalho praticado desde 2007 pela autora. Ele teve seu início como terapia comunitária sistêmica integrativa (de acordo com a abordagem de Adalberto Barreto), como parte da “Programação de Saúde Mental” desenvolvida pela Secretaria de Saúde da Prefeitura de São José do Rio Preto – SP, com o objetivo de orientar, apoiar, trocar experiências e fortalecer o vínculo do órgão da Administração Municipal com a Comunidade.

Em 2009, devido à grande aceitação do trabalho pela comunidade e ao vínculo que se formou, surgiu o desejo – na autora – de ampliar o que se iniciara. Desejo que vinha ao encontro das necessidades então apresentadas na ocasião pela gerente da Secretaria de Saúde, Sra. Lenise Martello Buchala, que descrevia o bairro como carente de envolvimento dos membros da comunidade para dar continuidade a projetos de engajamento social, não contando com uma associação de moradores que poderia liderar e desenvolver, por exemplo, os projetos de desenvolvimento local solicitado pelos próprios membros da comunidade.

A primeira dificuldade apresentada foi em relação à adesão e manutenção da motivação dos membros da comunidade. Duas questões deveriam ser resolvidas,

### RENATA TERUGGI

*Psicóloga, especialista em Terapia Familiar e de Casal – PUC-SP; em Análise Bioenergética – IABSP-SP e IIBA- NY e Terapia Comunitária (em formação) – INTERFACI-SP. É diretora da Comunidade de Destino: Centro de Desenvolvimento de Sistemas Humanos, em Cuiabá-MT.*

a começar pelo convite que seria feito à comunidade, de modo a gerar interesse de seus membros. Num segundo momento, com foco na continuidade da ação, foi questionado pela secretária à autora como se manteria a agregação dos participantes.

Com base nessa demanda, surgiu a ideia de se produzirem “fuxicos-convites”, os quais funcionariam como um símbolo artesanal e, portanto, individualizado para representar o grupo de encontros em torno de conversações significativas (fuxicos do bem) em prol de melhorias para aquela comunidade, bem como um convite para encontros para confecção de novos fuxicos em conversações.

Nasce, então, em 2009, o projeto “Fuxicando para o Bem...” a partir de novos “fuxicos\*” entre os idealizadores: Renata Terruggi – representante da Comunidade de Destino – Centro de Estudos e Práticas da Psicologia Corporal, Lenise Martello Buchala – representante da Secretaria da Saúde, e Luis Carlos Souza, Celso Tucci e Maria Lúcia Alves – representantes do SENAC – Rio Preto.

Esse grupo propôs à Secretaria da Saúde da Prefeitura do Município de São José do Rio Preto a retomada dos encontros comunitários, estendendo-os para uma intervenção sistêmica em coparticipação com o SENAC – Rio Preto (Serviço Nacional do Comércio), instituição que contribui com metodologia e recursos técnicos de capacitação, a saber: agente socioambiental; agente de desenvolvimento local; gestor de projetos sociais; captador de recursos e empreendedor em pequenos negócios.

Para fomentar o desejo de participar às reuniões, inicialmente foi oferecido um fuxico para cada convidado – limitados a 10 pessoas – de forma que cada participante deveria usar o fuxico em sua roupa para ingressar às reuniões. Partimos do princípio de ter um número pequeno de convidados para criar espaços de conversações mais intimistas e próximos das necessidades principais apontadas em conversações durante as reuniões – que tiveram uma hora e meia de duração. Conforme as conversações se estabeleciam, cada indivíduo, ao se pronunciar, colocava o seu fuxico na mesa, conectando-o pelo alfinete a outro fuxico, co-construindo uma trama de fuxicos de forma sequencial e não definida previamente, que lembrou o formato de uma serpente para uns, de um caminho para outros, favorecendo visualizar e abrir conversações em torno de significados compartilhados como: diversidade, processo, parte e todo. Nesse sentido, foi possível a reflexão sobre a importância das diferenças enquanto variedades de contatos, conhecimentos e especialidades, para a manutenção e sustentação deste trabalho no bairro Jardim Maria Lúcia, bem como a reflexão sobre o desenvolvimento, crescimento e evolução do trabalho em comunidade como um processo contínuo, onde não podemos definir e controlar a forma que se configurará devido à interação entre as diferentes pessoas, mas cada caminho percorrido e co-construído pelo grupo servirá para novas reflexões, novas conversações sobre os significados compartilhados e, portanto, novas descobertas em conjunto. Ao término das conversações, cada integrante recebia mais dois fuxicos: um para seu ingresso à próxima reunião agendada e outro para convidar uma pessoa que, em sua opinião, considerasse importante para o propósito de desenvolver no bairro ações coletivas, em prol de melhorias significativas. Sendo assim, o fuxico representava a ideia semente, que seria semeada pelos membros da comunidade, lançando, dessa maneira, o desafio matemático de que 1% contagia 99%.

\* O termo “fuxico”, que nomeia o fruto de um trabalho artesanal, deriva do verbo “fuxicar” que significa “mexericar”, “intrigar”, designando o “ato de quem é mexeriqueiro, leva e traz, fuxiqueiro” (FERREIRA, 2007). Uma vez que este projeto tem como objeto intermediário o fuxico confeccionado pela própria comunidade em questão, empregamos metaforicamente tal conceito a fim de enfatizar a necessidade que as pessoas têm de construir narrativas em torno de algo comum a um determinado grupo cultural.

Embora o termo “fuxico” derive do verbo “fuxicar”, que significa “mexericar”, “intrigar”, designando o “ato de quem é mexeriqueiro, leva e traz, fuxiqueiro”, aqui ele é empregado para se enfatizar a necessidade que as pessoas têm de construir narrativas em torno de algo comum a um determinado grupo cultural. Entendendo ser essa uma prática bastante comum, presente em todos os gêneros humanos, como também a toda classe social e, portanto, facilmente realizável e fonte de prazer à maioria das pessoas; a ideia defendida aqui é que se pode fazer uso deste talento inato – próprio do humano em inter-relação – para a construção de um bem comum.

Há muitos exemplos sobre o que não deu certo no passado: “o fulano não tem jeito...”; “sabia que não podia contar com...”; “já fiz isso, isso, isso...”; e, assim, segue uma infinidade de boas justificativas para fazer desistir de qualquer boa intenção de incluir algo novo no tempo presente.

Como a comunidade apresentava uma descrença na transformação social e as narrativas eram saturadas pelos problemas que enfrentavam surge, então, a seguinte questão existencial: viver como especialista do passado e do que não deu certo, ou arriscar um salto qualitativo no presente com foco na solução e construir um funcionamento de círculo virtuoso, interrompendo o funcionamento de círculo vicioso?

Como ponto de partida da dinâmica foi proposto aos participantes a confecção de fuxicos, a fim de facilitar o encontro entre os moradores do bairro e o encontro de parceiros inter setoriais – educação e saúde, bem como para tecer redes comunicacionais e relacionais em torno do estimulante desafio de solucionar um problema apontado pela comunidade de moradores do bairro: ocupação de locais públicos por usuários de drogas ou como esconderijo de drogas. Elegeram a Praça Paulo Fernandes Lucânia.

Por tais motivos, considera-se o fuxico como Ponto de Contato ou ainda, de partida, pois com ele se estabeleceu a comunicação, a conexão entre as partes, tanto na esfera do trabalho concreto, artesanal – isto é, a confecção de colchas, almofadas e bonecos, quanto na de construção de realidades sociais, caso da implementação de benfeitorias comunitárias como o cuidado para com a praça, a coleta de lixo, o plantio de árvores. Também surgiu a confecção de outros objetos artesanais como pintura em tecido, em vasos, bandejas, e outros. A questão comercial foi um plano de descoberta dos participantes no decorrer das práticas permeadas por conversações significativas, provocadas por três abordagens terapêuticas: dinâmicas de fuxico, práticas corporais bioenergéticas e terapia comunitária. Perceberam que podiam ganhar dinheiro com aquilo que sabiam fazer. Assim, parcerias foram criadas entre a comunidade do Jardim Maria Lúcia e órgãos e entidades do bairro e municipais. Passaram a assinar suas obras e vendê-las. Para isso, faziam novas conversações sobre como vender, aonde e a que preço.

A praça tornou-se, então, o símbolo do espaço comunitário com o qual os membros da comunidade de prática se identificaram como parceiros. “Organizaram nesse local, além das reuniões do “Fuxicando...”, a “Feira de Natal Iluminando a praça” (Feira I, II e III), onde apresentaram seus trabalhos à venda, ofereceram espaço para comerciantes armar barracas para venda de alimentação, apresentações culturais por grupos do bairro – de teatro e dança -, sem que órgãos governamentais estivessem no comando.

Embora tenha chovido e ventado muito na noite da I feira, o que colaborou para o insucesso de reunir as famílias na praça, foi, a partir de então, que criaram

forças para dar continuidade ao projeto e para realizarem o desejo comum de ver o seu bairro se desenvolvendo. No decorrer de três anos realizaram três feiras “Iluminando a praça”, com a coparticipação da comunidade maior, que, durante o ano, arrecadava garrafas pets e depositava na residência de uma das líderes comunitárias para, nos meses que antecediam o Natal, confeccionarem objetos natalinos decorativos, como árvores de Natal de 8 metros, bonecos e animais.

A notícia dos fuxicos também repercutiu na imprensa da cidade, jornal e TV. Acostumados a verem seu bairro associado às notícias de violência, mortes e tráficos, os moradores foram visitados por um jornalista que publicou uma matéria no Jornal do Ônibus, e um apresentador de TV da cidade – São José do Rio Preto -, produziu uma reportagem sobre a ação dos fuxiqueiros, registrando, naquele bairro, um clima de pró-atividade, comunhão e tranquilidade.

Ao alinhar um fuxico e outro com as conversações e trocas de informações, os participantes conheceram mais sobre seus companheiros de bairro bem como se fizeram conhecer, de forma pouco usual, favorecendo novas ligações, novas possibilidades de contato e novas conversações. Ao mesmo tempo em que construíram uma nova maneira de convivência na Praça, e em torno dela.

A prática sistêmica foi permeada por conversações significativas provocadas por três abordagens terapêuticas: dinâmicas de fuxico, práticas corporais bioenergéticas e terapia comunitária. Para tanto, trabalhamos em consonância com a ideia pós-moderna do construcionismo social, cuja visão acerca do que é o problema, bem como do que é a solução, é construída no processo de intercâmbio social, empregando conhecimentos que são compartilhados na interação entre participantes historicamente situados, no intuito de construir ações futuras e de desenvolver competências por meio de cursos de capacitação com metodologia oferecida pelo Senac. O trabalho realizado no bairro Maria Lúcia, região norte de São José do Rio Preto, demonstra a possibilidade de visualizar que as comunidades minimamente organizadas podem caminhar para a solução de problemas sem que os órgãos governamentais estejam na coordenação dessas ações.